

**Michele CILIBERTO. Giordano Bruno – Il teatro della vita. Milano:
Mondadori, 2007, p. 9 – 12.**

NASCIMENTO DE UM MERCÚRIO¹

Tradução: Ideusa Celestino Lopes²

... quando, ainda era um recém-nascido, encontrava-me sozinho, vendo uma enorme cobra ... chamei de modo claro pelo meu pai ...

A consciência de que teria um destino extraordinário, de ser um predestinado, um predileto dos deuses, um Mercúrio³, é um traço marcante em toda a experiência humana e intelectual de Giordano Bruno. Essa característica está presente com variações diferentes em todos os seus textos, entretanto, ela é mais evidente na obra *Sigillus sigillorum*, uma das primeiras obras publicada⁴. Ao raciocinar sobre a contração (contraciones) e a força da mente, como determinantes no comportamento, que num primeiro momento pode parecer miraculoso ou extraordinário, Bruno recorda um acontecimento ocorrido quando ainda era muito pequeno, um neonato, em Nola, cidade onde nasceu em 1548:

quando, ainda era um recém-nascido, encontrava-me sozinho, vendo uma enorme cobra, que ao mesmo tempo parecia muito velha, que saiu de um buraco da parede da nossa casa, chamei de modo claro pelo meu pai que estava no cômodo vizinho e, percebendo o perigo no qual me encontrava, ele gritou por ajuda e que trouxessem um bastão, enquanto esbravejava palavras iradas demonstrando toda a sua raiva contra a terrível situação de perigo na qual me encontrava. Eu podia entender as suas palavras e a dos outros familiares, do mesmo modo com que posso entende-los agora. Eu tenho guardado em minha memória esse fato, ocorrido há muitos anos atrás, como se estivesse acontecendo agora, como quando despertamos de um sonho, em particular da agitação dos meus pais, que pensavam mais na minha segurança do que na deles (BRUNO, 1997, p, 386-387)⁵.

¹ Este texto é o primeiro capítulo da obra de Michele CILIBERTO. **Giordano Bruno – Il teatro della vita**. Milano: Mondadori, 2007, p. 9 – 12. Tradução de Ideusa C. Lopes. Professora Adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Revisão de Roberto Chiavarino.

² Doutora em filosofia pelo Programa Integrado de Filosofia (UFPB- UFPE- UFRN). Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú -UVA

³ Mercúrio na mitologia romana é o mensageiro, encarregado de levar as mensagens de Júpiter , seu pai, para os outros deuses. Mas também é relacionado ao comércio, ao lucro. Correspondendo ao Deus grego Hermes. (N. do T.)

⁴ Bruno publicou quase trinta títulos, entre 1581 e 1591. A obra *Sigillus sigillorum* foi publicada entre 1582-1584, período de publicação dos diálogos escritos em italiano, na qual Bruno identifica uma conexão entre a temática gnoseológica, psicológica e moral e a nova astronomia heliocêntrica. Ao todo são sete títulos: *Candelaio*, *La cena de le Ceneri*, *De la causa, principio et uno*, *De l'infinito, universo e mondi*, *Spaccio de la bestia trionfante*, *Cabala del cavallo pegaseo* e *De gli eroici furori*. (N. do T.)

⁵ BRUNO, Giordano. **Sigillus sigillorum**. Traduzione e note di Nicoletta Ririnnanzi, Milano: Rizzoli, 1997, p. 386-387.

Esta é uma narração bastante extraordinária, pois diante do perigo, uma criança recém-nascida apesar de todas as fragilidades que lhe são inerentes, conseguiu falar, faz-se entender, compreendeu tudo o que estava acontecendo ao seu redor: o grito do pai Giovanni, que zangado pede um bastão; a correria dos outros familiares; o atordoamento da casa aos pés do Monte Cicada, perturbada por um evento que poderia ter sido fatal para a vida daquela pequena e tranquila comunidade.

De repente, no centro de uma reflexão filosófica sobre *contraciones* da mente humana, emerge uma recordação de caráter autobiográfico que confere vivacidade e eficácia ao argumento, retoma-o propositalmente, ou seja, passando da abstração de um raciocínio filosófico a um exemplo concreto, de uma experiência ocorrida na infância, no seio familiar. Pode parecer estranho que em um texto complexo como esse, Bruno tenha inserido uma passagem autobiográfica. No entanto, é uma escolha ditada pela razão e não simplesmente de estilo ou filosófica mas que projeta luz sobre a “técnica” biográfica de Bruno: contado com *nonclalance*, segundo as regras do “desdenho” ensinada por Baldassar Castiglione, o “encontro” com a cobra é o primeiro e inequívoco “sinal” premonitor de um destino excepcional, como o voo dos pássaros que, na mitologia clássica, anuncia a aproximação ou a realização de grandes eventos. Por outro lado, com referencia à aparição da cobra e a sua morte, a alusão à experiência – e ao modelo – de Hércules, o qual, quando recém-nascido como Bruno, matou, sem a ajuda de ninguém, as duas cobras com as quais os seus inimigos tinham procurado eliminá-lo.

Entretanto, seria incorreto pensar que o próprio nolano tenha inventado completamente aquela história, construindo um tipo de fábula em que retoma, adaptando, o modelo clássico. A “técnica” usada, bastante complexa, estratificada, baseia a sua concepção da relação entre biografia e filosofia. Dando vida, através de um articulado sistema de “sinais”, tantas páginas das suas obras, a dimensão biográfica envolve de um lado o processo de desvelamento e de manifestação da mesma verdade, o qual se cumpre através do destino de figuras excepcionais, situadas no limite entre “humanidade” e “divindade”; de um outro lado, faz referencia ao modo como Bruno interpreta a sua função neste processo árduo e cheio de contrastes. Como em um tipo de microcosmo, a sua trajetória de vida – desde quando era um recém-nascido – faz referencia a processos mais profundos e secretos; transcrevem, na dimensão do “mínimo”, do particular, da vida cotidiana, o ritmo interior da realidade, o produzir-se – e o comunicar-se – do “máximo”, da Vida universal.

A referência feita na obra *Sigillus* à cobra, não é portanto uma invenção, nem um simples recurso retórico: mas alude a um fato real, a um evento que realmente aconteceu, e mesmo depois

de tantos anos ressurgir de improviso na memória de Bruno, quase como se estivesse acordando “de novo de um sonho”, em um tipo de curto circuito humano e intelectual que fazendo-o estremecer, funde, reelabora e transfigura sem resíduos o passado e o presente, no âmago de uma experiência, que por ter sido revelada como “mercurial” devolve sentido e significado há acontecimentos da sua vida privada que tinham caído no esquecimento.

“Memória” e “destino” são ligados por um fio direto, constitutivo: é isso que Bruno quer dizer aos seus leitores ao fazer referência àquele breve e intenso acontecimento da sua infância (antecipando um tema que será central na obra *Eroici furori*) convidando-os a ler de maneira correta os seus textos “filosóficos”, tanto os escritos em italiano como os redigidos em latim, e compreender porque ele usa este recurso de inserção de dados biográficos nos seus textos. O Mercúrio assume, assim, consciência da sua figura e da sua missão através do movimento que se completa do “sono” ao “despertar”, e do “despertar” à “memória”, conferindo desse modo novo sentido à própria existência.

No entanto, quando o nolano era apenas um recém-nascido, ocorreu de fato algum acontecimento extraordinário, fora do comum. Essa hipótese é confirmada através da persistência e da recorrência dessa recordação muitos anos depois, no período em que esteve preso em Veneza, em 1592, confirmado pelo testemunho do frade Celestino de Verona:

quando falava sobre a pluralidade dos mundos, dizia que a alma andava de um mundo ao outro e de um corpo ao outro, e que ele se recordava de ter vivido em uma vida passada uma certa experiência, e que naquela ocasião se sentiu ameaçado pela presença de uma víbora, mas que teria sido socorrido pela sua mãe (FIRPO, 1993, p, 284)⁶.

Entretanto, como se percebe neste novo contexto, mudam os atores daquele pequeno drama familiar: o pai substituído pela figura da mãe, Fraulissa Savolino; e muda também o tipo de animal – uma “víbora” em vez da “velha” e “enorme” cobra descrita no *Sigillus* –; ao mesmo tempo, o tom da história é atenuado. Mas essas pequenas modificações não devem nos surpreender, se levarmos em conta o objetivo que move Bruno no seu diálogo com Celestino: o elemento mercurial aqui é intencionalmente menos desenvolvido, enquanto que a recordação daquela experiência excepcional é reforçada, com o intuito de reforçar o princípio da transformação e da pluralidade dos mundos, em relação à ontologia da Vida-matéria exposta em um outro texto bruniano, no *De la causa principio e uno* e desenvolvida posteriormente no texto *Acerca do Infinito, universo e os mundos*. Também

⁶ FIRPO, Luigi. **Il processo di Giordano Bruno**. A cura di Diego Quaglioni, Roma: Salerno Editrice, 1993, p. 284.

não se pode excluir o fato de que na sua denúncia o frade Celestino tenha relatado de forma imprecisa a narrativa que o nolano lhe havia feito na prisão. Celestino, um implacável inimigo de Bruno, com certeza não estava interessado em expor a descrição de modo fiel, com exatidão.

De qualquer modo, aquela lembrança continuou a estar bem presente na mente do nolano, seja ligada ao discurso sobre a potência das contradições, seja referente à experiência da alma, aquela aventura da infância já está presente aos seus olhos como o primeiro “sinal” premonitório de um destino excepcional, que se manifestaria plenamente nos anos seguintes, nos anos de maturidade de homem e de filósofo. A energia narrativa da prosa de Bruno – o seu segredo – está precisamente na capacidade de conseguir dar sentido e significado universal também a eventos pequenos da sua vida privada, entrelaçando no contexto da experiência biográfica seja o “microcosmo” seja o “macrocosmo”, através da ação seletiva – e ao mesmo tempo potencializada – da memória. O destino do Mercúrio, mais que um “dom” dos deuses, é uma escolha que os homens devem fazer, assumindo conscientemente sua própria sorte, transformando nesse sentido as “recordações” do passado e projetando-se, com coragem e esperança, num futuro em aberto, e no caso bruniano, em que a sua própria vida é interpretada como sendo perpassada por eventos extraordinários, aquele da sua primeira infância é considerado como o primeiro anúncio. Em Bruno, assim compreendida, a biografia se transforma em um tipo de “teofania” na qual o mercúrio deve contribuir com todas as suas forças, sem confiar passivamente nem no destino nem na sorte: como confirma o fato que a referência da cobra vista por Bruno quando ainda era recém-nascido, seja inserido num contexto que quer sublinhar ao máximo o poder da alma e da mente humana.